

ESTUDO TOPONÍMICO DAS FONTES DE SALVADOR/BA

José Martins Abbade (UNEB)

joseabbade@gmail.com

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB)

celinabbade@gmail.com

RESUMO

Estudar o léxico de uma língua propicia compreender, além de suas peculiaridades linguísticas, aspectos sociais, políticos, históricos, étnicos, ou seja, elementos identitários da cultura de seu povo. A palavra cria, modifica, indaga, responde, desconfia, procura, acolhe, provoca, perturba, consola, manipula, ressignifica, fala e, até mesmo, cala, quer por omissão, quer por intenção. Mais que isso, a palavra nomeia, ordena o mundo. Entretanto, nomear não é simplesmente atribuir rótulos. Um nome, além do aspecto lexical, traz em si uma história, uma motivação, que pode vir a retratar uma época, um estilo de vida, um modelo de sociedade, bem como diversas interpretações no decorrer do tempo. A este ramo da Lexicologia que estuda os nomes próprios de pessoas (antropônimos) e de lugares (topônimos), denominamos Onomástica. A partir dessa perspectiva linguística, por meio da Toponomástica, pretende-se identificar e classificar os topônimos das Fontes da cidade do Salvador, verificando as influências culturais, históricas e étnicas, com o intuito de, por intermédio da toponímia urbana, contribuir para a preservação, revitalização e valorização desses nascedouros como literais fontes de saber. O topônimo, ao ser nomeado, estabelece um elo, uma cumplicidade nessa relação homem/espaço a que está inserido, cabendo a nós, pesquisadores, a valorosa tarefa de, por meio da Lexicologia, propiciar a emersão de hábitos, crenças, costumes e ideologias dos que, antes de nós, por aqui, ali ou acolá, passaram e fizeram história. A classificação dos topônimos seguirá o modelo teórico-metodológico adotado por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992; 1999; 2006).

Palavras-chave:

Lexicologia. Onomástica. Toponímia

1. Introdução

Dizer que água é vida seria, literalmente, chover no molhado, não fora a crise hídrica que assola (não só) o seco solo do semiárido baiano, como também outras regiões da Bahia, do Brasil e, por que não dizer, do mundo. A crescente degradação ambiental põe em risco a oferta dos recursos naturais, entre eles, a água, bem essencial para a sobrevivência deste planeta. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, o Brasil é detentor de 12% de toda a água doce do planeta, distribuídas em 12 regiões hidrográficas e, em janeiro de 1997, entrou em vigor a Lei nº 9.433/1997, também conhecida como a Lei das Águas, que foi criada para, entre ou-

tras finalidades, garantir a disponibilidade de água de qualidade às gerações presentes e futuras.

Dentre outros caminhos nessa direção, em 2010, foi lançado o livro “*O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes*”, desenvolvido pela UFBA – Universidade Federal da Bahia, em parceria com outras entidades. A cidade, na época, não dispunha de dados sobre a qualidade das suas águas, inclusive, das 41 fontes ali destacadas. Por meio do conhecimento, é possível preservar e transformar, visto que a linguagem, por meio do léxico, tem função social. Entretanto, ainda hoje, muitas dessas fontes, que abasteceram a cidade por mais de 400 anos, encontram-se esquecidas, desativadas, deterioradas, salvo em épocas de racionamento, quando algumas são utilizadas para abastecimento de comunidades circundantes. Outras, ainda ativas, estão presentes em espaços públicos e privados, inclusive, em terreiros de religiões de matriz africana, cuja preservação é necessária para a prática de seus rituais e, ainda, umas respectivas fontes está localizada no interior de uma igreja católica. Tais fatos tornam necessário um estudo lexicológico, por intermédio da Toponomástica, ramo da Onomástica, tendo como *corpus* a obra supra mencionada, com vistas a conhecer melhor esses minadouros, em busca da origem das águas, história e cultura da primeira capital do Brasil. A partir deste estudo linguístico, de caráter interdisciplinar, pretende-se descobrir quais informações históricas e socioculturais estão presentes nos topônimos das fontes do Município de Salvador e como tais informações podem contribuir para a preservação e revitalização desses patrimônios culturais e turísticos da cidade, tornando essas nascentes hídricas, literalmente, autênticas fontes do saber.

2. Metodologia

No presente trabalho, será utilizado o método investigativo, sob forma de análise teórica, exploratória, com suporte em pesquisa bibliográfica. A análise toponímica das Fontes de Salvador dar-se-á a partir da categorização taxonômica proposta por Dick (1990). A ordenação do *corpus* consiste no levantamento, identificação e classificação dos topônimos, de acordo com sua natureza física ou antropocultural, permitindo uma averiguação de suas motivações toponímicas. Far-se-á necessária, inclusive, uma pesquisa enciclopédica e etimológica a respeito dos topônimos, evitando-se uma classificação superficial e arbitrária. Desta forma, tal proposta de estudo se inicia no levantamento toponímico das fon-

tes de Salvador, seguida da identificação dos acidentes que os topônimos designam; localização e contextualização do topônimo, bem como a definição da estrutura morfológica, identificação da origem linguística, localização geográfica, classificação em taxes, pesquisa bibliográfica para estudo da motivação do ato denominativo; registro dos topônimos em fichas catalográficas Levantamento das lexias que configuram topônimos das fontes; localização e contextualização dos topônimos; definição da estrutura morfossintática do topônimo; identificação da origem linguística de cada topônimo; classificação dos topônimos em taxes; pesquisa bibliográfica para estudo da motivação do ato denominativo; registro dos topônimos em fichas lexicográfico-toponímicas, finalmente, serão acrescentadas as indicações relativas a dados históricos e demais informações pertinentes.

3. Referencial Teórico

Através da linguagem, o homem é capaz de expressar o seu pensamento. Muito mais que um instrumento de comunicação, a linguagem é um meio de interação, visto que vivemos em comunidade, logo, deixamos nossas marcas, bem como sofremos influência a partir desse contato. Estudar o léxico de uma língua propicia compreender aspectos sociais, políticos, históricos e linguísticos de seu povo sincrônica e diacronicamente, em busca de seus elementos identitários. A palavra cria, modifica, indaga, responde, desconfia, procura, acolhe, provoca, perturba, consola, manipula, ressignifica, fala e, até mesmo, cala, quer por omissão, quer por intenção. Mais que isso, “a palavra nomeia o mundo e as coisas desse mundo” (ABBADÉ, 2011). Nomear não é simplesmente atribuir mero rótulo estanque a algo ou alguém. Um nome, além do aspecto lexical, traz em si uma forte carga semântica, uma história, que pode vir a retratar uma época, um estilo de vida, um modelo de sociedade, bem como diversas interpretações no decorrer do tempo. Até na literatura, percebe-se a importância da nomeação. Na obra intitulada *O Homem do Princípio ao Fim*, além de uma irônica paródia à cosmogênese bíblica, o autor faz uma analogia entre nomear e criar, fortalecendo a ideia de que as coisas passam a existir, de fato, quando são nomeadas, ou melhor, nominadas: “Trabalhar no escuro era muito difícil. Deus então murmurou ‘*Fiat Lux*’. E a luz foi feita” (FERNANDES, 2001, p. 22).

A este ramo da Lexicologia que estuda os nomes próprios de pessoas (antropônimos) e de lugares (topônimos), denominamos Onomástica.



Dentre os diversos métodos utilizados em Filologia, o método onomasiológico, ou onomasiologia foi, de certa forma, precursor da Onomástica. Estudos comprovam que, inicialmente, a onomasiologia se restringiu à pecuária, história e biografia das palavras, ligando-se a outros métodos e, desse modo estendendo-se a todos os níveis linguísticos, entre eles a toponímia, a etimologia e a história dos nomes de lugar. “Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos, buscando descobrir os aspectos vivos e as forças criadoras da linguagem.” (BASSETO, 2010, p. 76). De certo modo, a onomasiologia segue o caminho inverso da etimologia, toma o significante para chegar ao significado, enquanto a etimologia procura a história da palavra, desde a época mais antiga até chegar aos nossos dias, explicando, ou tentando explicar, entre outros fatores, as diversas influências sofridas. Os estudos onomásticos permitem experienciar a linguagem viva, traduzindo a vivência cultural de um povo. Assim, é possível evidenciar as práticas de certa região e situá-la no tempo. Desta forma, além de conhecimentos linguísticos, é necessária a combinação a outras áreas do saber, tornando a Onomástica uma ciência de cunho interdisciplinar e, de certo modo, subjetiva. Até na poesia, percebemos que a definição de um nome pode trazer em si outros aspectos, por muitas vezes subjetivos, de acordo com o nominador:

Santinha nunca foi para mim o diminutivo de Santa. /Nem Santa nunca foi para mim a mulher sem pecado./Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca./Era a intuição rápida, o medo de tudo, um certo modo de dizer “Meu Deus, valei-me”.(BANDEIRA, 1993, p. 222)

A antroponomástica estuda os nomes próprios individuais, sobrenomes e apelidos. É dividida em ortônimos (prenomes, sobrenomes, agnômes) e alônimos (hipocorísticos, heterônimos, pseudônimos, apelidos, etc). A toponomástica pesquisa o léxico toponímico, por meio da motivação dos nomes de lugares, reflexo de um núcleo humano existente

e, muitas vezes, preexistente. Uma palavra se torna nome após sua transmigração do sistema lexical para o sistema onomástico, pelo nomeador ou enunciador/emissor (DICK, 1990).

No léxico em geral, chega-se do nome ao referente por meio do sentido, da conceituação. Já no sistema onomástico, em linhas gerais, passa-se diretamente do nome para o referente, sem recorrência ao conceito. Tendo como exemplo a palavra ‘branco’, no sistema lexical, é necessário recorrer ao conceito: alvo, claro, limpo, etc. No sistema onomástico, ‘branco’ pode ser um antropônimo (pessoa) ou topônimo (lugar). Em ambos os casos, não se faz necessário saber a significação, bem como a motivação, salvo em estudos onomásticos. Em toponímia, normalmente a motivação está ligada à realidade circundante no ato da nomenclatura. Muito embora, no decorrer do tempo, o significado original pode se distanciar, tornando-se cada vez mais opaca a relação com tal realidade.

A construção de uma nomenclatura depende de outros fatores que extrapolam os limites do léxico. Dessa forma, a arbitrariedade do signo linguístico (SAUSSURE, 1969) se fragiliza no que se refere à Onomástica, visto que a relação significado/significante reflete escolhas indicativas a partir da motivação que, muitas vezes, não está diretamente ligado ao sentido. A Toponímia compartilha da ideia de que a nomeação de um lugar não se dá de forma acidental ou despropositada:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termo de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990, p. 38)

Levando em consideração que o topônimo deverá conter a suficientemente explicação de sua constituição, pode-se dizer que ele fala por si, cabendo ao pesquisador extrair as informações linguísticas, históricas e etnoculturais, verificando a etimologia, morfologia, localização geográfica, categorização taxionômica, bem como pesquisa bibliográfica.

Quanto à sua estruturação, os topônimos podem ser simples, compostos ou híbridos:

- Topônimos simples são definidos por um só lexema: Salvador, Recife, Pituba, Leme, Paris.

- Topônimos compostos são formados por mais de um lexema: Juiz de Fora, Barro Duro, Ladeira da Preguiça.
- Topônimos híbridos são os formados por mais de uma procedência linguística: Uberlândia, Mariópolis, etc.

O sintagma toponímico é o bloco resultante da entidade geográfica denominada, acrescida do topônimo. Possui termo genérico e termo específico.

Através da formulação de uma terminologia técnica, composta do elemento 'topônimo', antecedendo um outro elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica. Este elemento deverá conter a suficiente explicação de sua substância ou a clareza lógica para justificar a escolha, em uma linha de comando virtual". (DICK, 1992, P.26)

Ao se analisar, por exemplo, o nome "Rio Vermelho", admite-se, pelo menos, duas possibilidades:

- **Rio Vermelho** – rio, acidente geográfico (natureza física): rio: termo genérico / vermelho: termo específico, topônimo.
- **Rio Vermelho** – bairro de Salvador, acidente humano (natureza antropocultural): Topônimo composto.

No primeiro caso, temos um sintagma toponímico, composto por um termo genérico e um termo específico (topônimo). Na segunda possibilidade, trata-se de um topônimo composto por 2 lexemas. Essa aparente sutil diferença é, na verdade, um grave fator que, mediante uma classificação equivocada, comprometeria a análise, tanto no que tange à natureza de cada um, bem como a classificação taxonômica dos respectivos topônimos.

A título de curiosidade, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, precisamente ao lado da foz do rio Vermelho, existiu um bar denominado *Red River*, ou seja, Rio Vermelho em inglês. Em relação à motivação toponímica, pode-se supor que o rio, por ser um acidente geográfico, foi primeiramente nominado e, a partir dele, o bairro. Porém, em relação ao bar ali instalado, é um caso a ser pesquisado, por meio da toponímia urbana.

4. *Palavras Finais*

Como faz um filólogo na crítica textual, o trabalho do toponimista é, entre outros, o de investigar a origem do topônimo, na intenção de se chegar o mais próximo possível do momento de sua nomeação, na tentativa de garantir maior legitimidade e autenticidade, visto que, no decorrer da história, diversos lugares vêm sofrendo alterações em sua denominação (apagamento toponímico), muitas vezes por interesse político ou desconhecimento das leis que protegem os topônimos de sua mutabilidade.

O topônimo, ao ser nomeado, estabelece um elo, uma cumplicidade nessa relação homem/espço a que está inserido, cabendo a nós, pesquisadores, a árdua, porém valorosa tarefa de, por meio da Lexicologia, propiciar a emersão de hábitos, crenças, costumes e ideologias dos que, muito antes de nós, por aqui, ali ou acolá, passaram e fizeram história.

Em relação às fontes de Salvador, objeto do presente estudo recém-iniciado, já se pode, preliminarmente, afirmar que todos os nomes que compõem *ocorpus* são sintagmas toponímicos, visto que o lexema fonte, nesses 41 casos, é o termo genérico, relativo ao acidente geográfico, cuja predominância de suas águas foi um dos principais fatores que, lá nos idos de 1549, fez Tomé de Souza dar início à construção desta cidade de São Salvador, a primeira capital do Brasil, afinal, água é fonte. Fonte de vida, sabores e saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

_____. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. In: *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFil, v. XV, n. 5, t. 2. p. 1332-1343. XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. 2011. (Congresso). Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas*, v. 2. São Paulo: USP, 2010.

BIDERMAN, M. T. C. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. cap. 1, p. 33-51

BRANDÃO, Analídia dos Santos. *Guia de ruas, (bairros) e mistérios: a toponímia como elemento identitário em Bahia de Todos os Santos*. Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagens (PPGEL da Universidade do Estado da Bahia). Salvador: UNEB, 2015.

CARVALHINHOS, Patrícia de J. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). In: *Revista USP*. São Paulo, n. 56, p. 172-9, dez-fev 2002-2003. Disponível em: <http://www.usp.br/revista_usp/56/20-patricia.pdf> Acesso em: 20 jul. 2012.

CARVALHINHOS, Patrícia de J.; ANTUNES, Alessandra M. *Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xicnlf/2/09.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

DICK, Maria Vicentina P. A. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

FERNANDES, Millôr. *O homem do princípio ao fim*. Floresta: L&PM, 2001.

ISQUERDO, A. N. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Tese de Doutorado (Universidade Estadual Paulista). Araraquara-SP: UNESP, 1996.

MAGALHÃES, José Sueli de.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008 p. 1953-60

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMT, 2001.

SANTOS, Elizabete *et al.* *O caminho das águas de Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes*. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios baianos: descrição, história e mudança*. Tese de Doutorado em Letras (Instituto de Letras –Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia), 3 vol. Salvador: ILUFBA/PPGLL,2008.